

O AMOR EM ESCRITA, BARTHES (*Fragmentos de um discurso amoroso*) / PUCHEU (**O livro de hoje do amor**, constante em *Mais cotidiano que o cotidiano*).

O Amor Escrito: a Letra de Alberto Pucheu face a face [sem permeios] à Letra de Roland Barthes.

*[por Roberto Corrêa dos Santos,
palestra proferida na Caixa Econômica Federal]*

1. **Pucheu** ---- “esta pétala, outra pétala, e ainda outra, e outra, esfrego [essa pétala] em sua boca, em seu nariz, nos bicos ferruginosos de seus peitos, em seus quadris, nas dobras da buceta, no colo de seu útero [, quando ri e, e de repente, grita e, ainda diz: -- Meus Deus]”. [p.91].

2. **Barthes** ---- “Tudo que é anacrônico é obsceno” [p.207].

R: O corpo, a flor, a carne quente, peitos quadris buceta: seu retorno; retorno do anacrônico, do fora do tempo ou do muito antigo; logo algo de sagrado e de solene neste canto de Pucheu: um ato-rito de amor; o obsceno: atrás da cena; sem cena, apenas o impulsionador ativo do acontecimento agora em letra. a obscenidade do anacronismo no terreno da modernidade, não da contemporaneidade, talvez.

3. **Pucheu** ---- “E tasca [ela] as pétalas de mim, esfrega-as no meu pau, no cu, no rim.”[p.91].

4. **Barthes** ---- “O sexual não é indecente, mas o sentimental”[p. 206].

R: Nessa ordem, na ordem do pensar contemporâneo, não se trata de chocar, de espantar, de agredir, de opor-se. Trata-se de sair do moderno campo dos sentimentos (sempre cheios, adjetivados, convencionados, já nomeados), sair para adentrar não na ordem também das percepções (os sentidos conforme lugares fixos do corpo: tato (mãos); visão (olhos) etc); e sim: na selva das sensações: produção de sensos, conforme imantações (e capturas) do imaterial, indo e vindo, contudo, ao cerne do matérico: no matérico do corpo, o vibrar.

5. **Puceu** ---- [ela] “derrama uísque e gelo em meus pentelhos, encharca-me no copo, chupa meus culhões, meu cu – jasmim –, penetra seu dedo em mim.”[p.91].

6. **Barthes** ---- “O espaço da ressonância é o corpo”[p.220].

R: A fêmea força age, afunda-se nele; fá-lo deliriar: penetrar no ele: e todos os dois corpos ressoam: produzem e espalham sons, sons de corpos, in love.

7. **Puceu** ---- “Suas vísceras são feitas de cama. Os pulmões de madeira. A coluna, de uma ripa de estrado. A intimidade de seu corpo em seus braços. O peito, é certo, um colchão. O intestino de molas e mais molas. A caixa torácica, de lençol, linho, algodão, cetim. O coração, almofadas espalhadas e macias”[p.91].

8. **Barthes** ---- “Posso apaixonar-me por uma frase que me é dita”[p.231].

R: Talvez aquelas, essas frases as de quem fala no livro de Puceu, frases reditas, aqui reditas: e, e lá grafada em pragmáticas de Eros.

9. **Puceu** ---- “Sua voz de novo – e de novo – repetidamente [...] quebra em sequência como ondas que me prendem na arebentação.”[92].

10. **Barthes** ---- “O sonho da união total: todos dizem esse sonho impossível e, no entanto, insistem. Eu, eu não desisto” [251].

R: Dissolver-se no outro, a fantasia estimulante do fundir-se, do desaparecer, do esquecer o *eu*, o *eu sou*, o *eu existo*: deixar de existir em um; dar ao um a energia de um *um* ‘duplicado’ e assim, pois, etéreo, sem lugar algum, vazio de peso, quase aéreo.

11. **Puceu** ---- “Dois corpos se unem e não se separam / imediatamente depois, quando dois corpos/ se unem e permanecem ligados por um tempo, / quando, depois da união e da permanência / da ligação, é tão difícil separá-los, talvez seja / porque não chegou o momento de os separar, / talvez seja porque os corpos ainda estejam / unidos e, dada a dificuldade da separação, / não desejando se separar imediatamente, / talvez quem queira se separar não sejam tanto / os corpos, mas alguma coisa que, por fora / dos corpos, fala mais alto, alguma coisa que, / por

R: Olho o outro, vejo o outro, estamos em nossas ações: amo o outro ali, lá, cá; o outro e meu olho o acompanha enquanto realizo meus atos; o outro e o outro estão em vida; nesta cena o amor, o terno amor, e a paz provisória, um presente de deuses e, claro, alguma inquietude move-se invisível mas não insidiosa.

18. Puceu ---- “Ele mostrou para ela as pinturas animadas de o velho e o mar, de aleksandr petrv [p.106].

19. Barthes ---- Regressamos à raiz de toda relação [296].

R: Ele oferece, dá-lhe um mundo, um mundo seu; ela, ela entende ali o amor; onde a raiz das coisas, Barthes? Onde a raiz das relações, Barthes? Não há raiz, há raízes, galhos, matas, florestas, gravetos, por vezes pesado tronco, e tudo sem início ou segurança possíveis, e isso é bom: saber existirem ventos, quietos por ora. E sempre o mar, Puceu. Mesmo em gravura, em bom conhecer o mar no amor é bom saber o mar: seu poema sobre o ficar submerso, por vezes.

20. Puceu ---- “Quando ela está com dor de cabeça, / ela toma remédios, mas prefere / os longos minutos que então passa no banho quente. [p.107].

21. Barthes ---- O gesto terno diz: pede-me o que for que possa adormecer o teu corpo”. [p.246].

R: Acompanhar, e facilitar: conduzir aquela carne vital às calmarias e águas quentes, ou: ao bom sono.

22. Puceu ---- “É o café, muito mais que o jornal que o faz reconhecer repetidamente / o novo dia”. [p.106].

23. Barthes ---- O gesto terno: “*não te esqueças também que te desejo*”. [246].

R: Isso, não te esqueças de.

24. **Puceu** ---- Ela deve estar ensimesmada, / muito mais do que o pouco / que ele é capaz de suportar” [p.108].

25. **Barthes** ---- “O gesto terno: não querer para mim **imediatamente.**”

R: Recorrer à ternura de conceder a ida do outro a seu outro, e sem mim; descobrir o que se fará nesses tempos mortos, sem **ela** ou sem **sem ele**: viemos aqui para mais o **nós** abrir-se, e o pronome voraz, o **eu**, assoma; um **tu**, um **eu**; pronomes, por vezes mais que nomes, clareiam do amor as vísceras, raízes também.

26. **Puceu** ---- “E talvez não seja absurdo pensar, / como ele pensou, que enquanto há o uso da língua / ainda existe uma maneira de combater a solidão” [108].

27. **Barthes** ---- “União total: ‘o único e simples prazer’; ‘a alegria sem mácula’; ‘a magnificência divina’; ‘o repouso indiviso’. [248].

R: A confiança na língua, na linguagem, na fala, na escrita, que bom, e eu que pensava que esses dispositivos roubavam de mim o melhor, o banalizar-me como cura; e entanto, solidão é saúde: combater: bater-se com; solidão filtra os afetos, um cuador de café, um mostrar o novo dia, como você, Puceu, disse; mas do café a mácula, a predição, a intensidade pulsante da ideia de não haver o compacto, o indivíduo, e sim o vaso quebrado de Wai Wei Wei, o artista contemporâneo da China.

28. **Puceu** ---- “Na stand up comedy / de ontem, o cara disse não entender / como um homem larga sua mulher / para se casar com a amante, e que isso / é como estar numa cela de prisão e escavar um fosso / que vai dar na cela de uma outra prisão”. [101].

29. **Barthes** --- “Desejo é sentir a falta do que se tem” [246].

R: E, contudo, de cela em cela: o movimento. Vale?

30. Pucheu ---- “Em que fotograma perdido se encontra / a superfície amorosa de minha vida? Em que fotograma perdido se encontra / uma superfície amorosa de minha vida? Em que fotograma perdido se encontra / uma superfície amorosa de minha vida? Em que fotograma perdido se encontra / a superfície amorosa de minha vida?”[p.255].

31. Barthes ---- “O outro é meu o bem e o meu saber; só eu o conheço; só eu o faço existir em sua verdade.” [255].

R: O outro Barthes, de minha parte sequer é meu, sequer é bem, sequer saber; o outro, Barthes só faz é acentuar (a) o não ter (a força que advém do não ter), o para acima do não do não-conhecer o (b) o não, sequer, reconhecer: faço o outro existir fora da verdade, ou (c) na verdade dos sonhos e dos delírios, dos surtos: no fotograma perdido de quem trata quem indaga nos versos de Pucheu.

32. Pucheu ---- “Já trepei com putas, viados, travestis / e pessoas muito amadas. E mesmo aquelas / com quem não passei menos que uma noite, / mesmo aquelas em quem dei apenas um ou dois beijos, / eu poderia ter verdadeiramente amado. Eu poderia tê-las / amado muito. Espremido-as entre a água e o vidro / de meu aquário para nos dar a todos um pouco mais de mar.” [p.100].

33. Barthes ---- (O amor é cego: este provérbio é falso. O amor abre bem os olhos, torna clarividente [...]) . [p.255].

R: De fato, não por cegueira age o amor (nem por vidência!); age porque age, cabe-lhe como destino agir, agir e tocar, agir e medir, agir e.

34. Pucheu ---- “Tentei publicar o livro hoje do amor. / Fiz o arranjo, mas não me deixaram publicá-lo / justamente por causa do amor com sua sintaxe esburacada, / justamente porque [eu] esburacaria ainda mais / os buracos de algum amor.” [p.101].

35. Barthes ---- “Só com o outro me sinto eu próprio.”[p.255].

R: Que contrastes Deus meu: o buraco, os buracos e os buracos, o emburacar, isso de um lado; de outro, a unidade-de-si.

36. Pucheu ---- “Seria preciso demarcar com rigor o momento exato em que deixamos de amar alguém. O ano. O mês. O dia. A hora.” [p.95].

37. Barthes ----Mas há o cambiante: “o cambiante é o último estágio da cor que não pode ser denominado; o cambiante constitui [do amor] o Intratável.” [p.254].

R: Do amor, da vida do amor querem Pucheu e Barthes, por um segundo que seja, marcar a coisa (do fim, talvez dos começos); sabem Barthes e Pucheu da dura materialidade desse vocábulo, quando a designar o amor: cambiar – mudar gradualmente, que imerceptivelmente: acolher das coisas todas seu espinho, seu intratável, sim? Ou não?

LIVROS 1 SOBRE O LIVRO MAIS COTIDIANO QUE O COTIDIANO, DE ALBERTO PUCHEU

[SOB AS SOMBRAS DE UM OUTRO PLÁTANO: linhas derivadas de *Mais cotidiano que o cotidiano*, o recente e belo e radical livro de poemas de Alberto Pucheu]

[Por Roberto Corrêa dos Santos]

I

E há pathos de rock-jazz pelas páginas: portanto, (a), ‘não venham para cá se não puderem morrer’; portanto, (b) ‘um amor pode subitamente parar’; portanto, (c) ‘aqui é o lugar mais silencioso que existe’; portanto, (d) ‘escuto a circulação do sangue dos golfinhos, tubarões e gaivotas, o sistema nervoso das areias, horizontes e céu, a voz rudimentar de algas, ostras, conchas, ouriços’; portanto, (e) ‘estas ondas monstruosas’; portanto, (f) ‘o estilo não é nada’.

E há o senso-motor do mínimo no cerne dos tons: portanto, (a) ‘tudo que existe é irmão’; portanto, (b) ‘o tempo morto de alguém que sobe ou desce uma rua matando o tempo’; portanto, (c) ‘aqueles que trabalham em baixa rotação que quase não se deixam perceber senão quando engasgam’; portanto, (e) ‘ não, não são grandes motores que nos movem’; portanto, (f) ‘coltrane’, ‘branford marsalis’, ‘sonny rollins’.

E há o dedo quente no sexo e em demais fúrias: portanto, (a) ‘esta pétala, outra pétala, e ainda outra, e outra, esfrego em sua boca, em seu nariz, nos bicos ferruginosos de seus

peitos, em seus quadris, nas dobras da buceta, no colo de seu útero, quando ri e, de repente, grita e, ainda, diz : – Meu Deus’; portanto, (b) ‘a mesma turbulência com que, na cama, um tubo tremendo gira de dentro de sua carne’; portanto, (c) ‘dois corpos se unem e não se separam imediatamente depois’; portanto (d), ‘seria preciso demarcar com rigor o momento exato em que deixamos de amar alguém. O ano. O mês. O dia. A hora’; portanto, (e) ‘o inciso de uma marca, o inscrever-se do acontecimento’; portanto, (f) ‘sem a fuga, não do amor, mas no amor, não há possibilidade de amor’.

E há o poema pensando o poema em modos tão distintos de ontem: portanto, (a) ‘o poema só acaba, quando lançado em algum lugar – em cima da cama, por exemplo –, um gato vai inesperadamente deitar-se’; portanto, (b) ‘houve um tempo em que todas as coisas cresciam juntas’; portanto, (c) ‘Musaios, filho de Êumolpos, foi o primeiro a compor uma Teogonia e uma Esfera’; portanto, (d) ‘com asas de gavião, flutuar sobre o vazio’; portanto, (e) ‘aprender não a nossa ética, demasiadamente humana, mas aquela anterior ao homem, pré-humana, inumana’; portanto, (f) ‘nenhum Virgílio a me guiar no inferno nem nenhuma Beatriz, movida por amor, a me salvar do Paraíso’.

E há a heterobiografagem, a vida em letra que estala: portanto, (a) ‘um ponto cego nos poemas’; portanto (b) ‘o Socavão’; portanto (c) ‘uma marca que também ela – tal qual ele – desconhece’; portanto, (d) ‘mesmo aquelas com quem passei menos que uma única noite, mesmo aquelas nas quais dei apenas um ou dois beijos, eu poderia ter verdadeiramente amado. Eu poderia tê-las amado muito’; portanto (e) ‘embora afeito às águas, meu ambiente é outro. É às palavras que, acordado ou dormindo, me submeto’; portanto, (f) ‘ não adianta, a vida é assim’.

II

Força de uma arte de escrita que se desenvolve em ondas; no mover-se das frases estendidas, poemas mínimos dão-se ao ver como se saídos de algum fundo aberto; odes marítimas sem dor, odes ao surfar, ao submergir, ao altear-se nos horizontais atos e coisas: ‘aguentar’, ‘não desistir’, ‘esquecer do que se espera’, ‘morrer a cada instante no imprevisto’. Uma ode ao que se insere no sufixo co.
